

\*

\* \*

MACLAGAN (Michael). — *A Cidade de Constantinopla*. Lisboa, Editorial Verbo, 1972. 214 p. (20 x 14,5 cm).

*A Cidade de Constantinopla*, 29º volume da coleção *Historia Mundi* é uma tradução para o vernáculo de *The City of Constantinople*, publicada originalmente na Grã-Bretanha por Thames & Hudson, na coleção *Ancient Peoples and Places*, no ano de 1968. O tradutor parece ter sido Virgílio dos Reis Cadete Valadas e, se paira dúvida, deve-se a erro da gráfica que, na última página, ao invés de colocar “acabou-se de imprimir” citando a obra de Maclagan, citou a de A. G. Woodhead, que seria o volume 30º da coleção.

O A. pretende com sua obra mostrar a evolução da cidade, desde sua fundação até o século XIX, todavia percebe-se que seu trabalho interessa muito mais à História da Arte — a coleção *Historia Mundi* dedica-se especificamente a estudos arqueológicos apesar do nome não sugerir isso — que à História Política, servindo esta como pano de fundo para a descrição das construções arquitetônicas que se realizaram, especialmente após 1453, e isto “fundamenta-se no fato de a cidade dever mais aos seus governantes otomanos do que aos imperadores gregos a nobre silhueta que hoje apresenta” (p. 13). No plano político, no que concerne a pesquisas próprias, nenhuma novidade a ser destacada, aliás, o Autor indica apenas uma pequena bibliografia recente a respeito do assunto de que trata e não coloca notas de citação nos rodapés. No que tange aos aspectos artísticos as contribuições do trabalho são bem mais evidentes; inclusive das 90 (noventa) gravuras, que apresenta, a maioria são fotografias que ele próprio tirou e, quando não, as fontes são citadas devidamente.

Procuraremos propiciar no transcurso dessa resenha uma visão mais detalhada da obra que Maclagan divide em oito capítulos, mas que na realidade são apenas sete. É necessário ressaltar aqui que, como a edição portuguesa foi preparada com um certo desleixo, torna-se difícil atribuir responsabilidades. A verdade é que além das imperfeições apontadas e dos erros que aparecerão citados no desenrolar da resenha existem problemas até de nomenclatura: Séptimo Severo, ao invés de Septímio Severo (p. 18) é um exemplo.

Nos dois primeiros capítulos situa Constantinopla na Antiguidade. Relata no primeiro, após salientar a privilegiada localização geográfica, a origem lendária da cidade que, dado o desenvolvimento do comércio entre o mar Negro e o Egeu tornou-se próspera e cobiçada; daí as guerras numerosas que a envolveu, desde 506 a.C. quando foi conquistada pelos medos até sua incorporação ao Império Romano, por Vespasiano em 73. Desta data, até

o final do século II pouco de importante assinala; ressalta, já no III século, o período de tranqüilidade vivido por Bizâncio, em contraste com o conjunto do Império, mergulhado nas crises do III e IV século. Grande parte do segundo capítulo, denominado "A Cidade de Constantino": o Autor dedica ao imperador que refundou a cidade dando seus dados biográficos, a política adotada por ele e, principalmente, as obras arquitetônicas que realizou na cidade. Ainda neste capítulo destaca as obras de arte erigidas pelos principais imperadores sucessores de Constantino, até Rômulo Augusto.

Maclagan não aceita nenhuma data do século IV e V como marco final do Império Romano do Ocidente; prolonga-o até 1453 quando os turcos otomanos invadiram a cidade de Constantinopla. Proposta discutível se considerarmos que após a divisão de 395 as duas porções do Império foram paulatinamente tomando rumos diferentes, tornando-se a bizantina muito mais grega que latina.

Quatro capítulos da obra inserem Constantinopla na época medieval: III — A Era de Justiniano; IV — O Bastião da Europa; V — Iconoclastas e Iconólatras; VI — O Último período de Bizâncio.

No III capítulo, dedicado exclusivamente a Justiniano, o Autor toma inicialmente partido no que tem sido objeto de controvérsias entre os historiadores, ou seja, quando começa a era de Bizâncio e termina a de Roma. Para ele a ruptura dá-se após Justiniano, pois nenhum dos seus sucessores unificou os países em volta do Mediterrâneo, o que ele havia conseguido, embora de forma efêmera e incompleta. Não excluindo outras realizações de Justiniano, acentua as que dizem respeito à arquitetura; descreve as Igrejas dos Santos Sérgio e Baco, a de Santa Irene, dos Santos Apóstolos e a de Santa Sofia, com inúmeros detalhes das construções; e as cisternas subterrâneas acrescentadas aos reservatórios construídos por Valente.

No IV capítulo, denominado "O Bastião da Europa", o Autor descreve o aspecto da cidade, no que concerne à arquitetura imperial, após Justiniano; detém-se mais demoradamente na História do Grande Palácio, para ele "o conjunto mais suntuoso dos edifícios de toda Constantinopla" (p. 72); depois relata a conhecida história que justifica o título do capítulo — de 674 a 678 a frota islâmica foi sempre repelida pelos bizantinos; depois a nova vitória, registrada quando do grande cerco de Constantinopla de 717/718 foi, sem dúvida, um golpe decisivo na expansão do Islão.

"Iconoclastas e iconólatras" (por erro de impressão aparece iconólatras) é o título do capítulo V, dedicado ao estudo da arte bizantina no período de conflito entre os destruidores e os adoradores de imagens, considerando o Autor que o prejuízo causado pelo iconoclasmo às obras de arte e até aos manuscritos é impossível de ser avaliado.

Ao tratar do “Último período de Bizâncio” — capítulo VI — Maclagan faz inicialmente um tímido estudo demográfico de Constantinopla, do cosmopolitismo de sua população devido ao atraente comércio internacional e do profundo interesse do cidadão comum por assuntos religiosos. Por fim, na medida em que vai desenvolvendo o relato das ameaças crescentes e as próprias invasões que sofreu a capital, retrata as novas construções arquitetônicas, ou mesmo, as reformas pelas quais passaram certas obras e, nesse aspecto, de forma bem concisa.

O capítulo VII é denominado “A Cidade de Minaretos” e como o próprio nome sugere, nele o Autor trata das mesquitas construídas após a invasão otomana, das igrejas cristãs transformadas em templos muçulmanos, bem como de outras construções de vulto empreendidas até o século XIX, como o Serralho, enorme conjunto construído para a resistência imperial e que foi alterado ou adaptado por quase todos os sultões.

O capítulo VIII, como já frisamos inicialmente, constitui um lamentável engano, na verdade trata-se do Epílogo da obra.

Como já tivemos oportunidade de ressaltar no início de nossa resenha, o trabalho interessa à Arqueologia e a História da Arte. Sobretudo, convém agora esclarecer que, no que concerne à Arte, a obra limita-se às principais construções imperiais, não se atendo à construção civil em nenhuma página de sua obra. O próprio Maclagan menciona que “quase nada se conhece da arquitetura civil da cidade” (p. 72). Parece-nos portanto que o Autor se propôs a estudar seriamente a história da arte bizantina, seu trabalho todavia foi largamente prejudicado pela tradução portuguesa.

WILSON VALENTIM BIASOTTO.

\*

\* \* \*

RAMOS (Demetrio) (coord.). — *Estudio sobre política indigenista española en América*. Valladolid, Universidad de Valladolid (Seminário de História de América), 1976. 2 vols. 386 495 p. Ilus.

Estão reunidos nos dois volumes 37 estudos, abordando uma gama variada sobre os resultados advindos do contacto cultural entre o missionário e o indígena. Os trabalhos foram apresentados e discutidos no simpósio comemorativo do V Centenário do Padre Bartolomeu de las Casas. Os estudos estão distribuídos por dez secções a saber: 1. — “El inicio del indigenismo”, 2. — “Demografía y salubridad”, 3. — “Linguística: el indígena y los problemas idiomáticos”, 4. — “El indígena: su sedentarización y poblamiento”, 5. — “La condición jurídico-social del indígena”, 6. — “El cambio de ideas: los problemas religiosos”, 7. — “Regimen de vida y problema escologicos”,